

MOTIVOS DE CONSULTA EM CRIANÇAS DE CLÍNICAS-ESCOLA E SERVIÇOS DE PSICOLOGIA

REASONS FOR SEEKING PSYCHOTHERAPY FOR CHILDREN IN TRAINING SERVICES OF CLINICAL PSYCHOLOGY IN PSYCHOLOGY SCHOOLS AND PSYCHOLOGY SERVICES

Julise Alves Dornelles Savalhia¹

Maria Lúcia Tiellet Nunes²

RESUMO: O objetivo dessa revisão é examinar publicações brasileiras entre 1998 e 2006, referentes aos motivos de consulta em crianças de clínicas-escola e serviços de saúde e Psicologia. A revisão foi realizada em bases de dados e nos periódicos das bibliotecas da PUCRS e da UFRGS. Foram encontrados 29 artigos com os descritores motivos de consulta, queixas e clínicas-escola. Ao refinar a busca com o descritor criança, restaram seis artigos. Verificou-se variação no registro do motivo da consulta; desses seis artigos analisados, as queixas relacionadas às questões cognitivas aparecem em primeiro lugar em três deles, e nos três

¹ Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica pela URI - Santo Ângelo, Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS e Docente do curso de Psicologia da Faculdade Assis Gurgacz - PR.

² Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Universidade Livre de Berlin, Professora Titular da Faculdade de Psicologia da PUCRS e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS.

restantes estão em primeiro lugar os motivos referentes a problemas de comportamento. Com relação aos comentários e às recomendações, os autores sugerem intervenções nas escolas, apontam para a necessidade de sistematização dos serviços e de adequação do serviço prestado às condições da clientela. Constatou-se, ainda, nos últimos oito anos, a pouca publicação de pesquisas referentes à clientela infantil nos locais de atendimentos psicológicos.

Palavras-Chave: Motivos de consulta. Clínicas-escola. Crianças.

INTRODUÇÃO

Ao receber uma pessoa para atendimento psicológico, é necessário tornar clara a queixa ou o motivo da consulta. Enéas e Faleiros (2001) denominam esse processo de "circunscrição da queixa"; ou seja, num primeiro contato, a pessoa que procura o serviço, será escutada e auxiliada a observar e definir aquilo que a incomoda no momento.

Tal contato inicial, segundo Arzeno (1995), é imprescindível para esclarecer com o consultante o motivo da consulta, chamados pela autora de "motivo manifesto" - a resposta dada pelo paciente à pergunta feita na entrevista sobre o que o trouxe ao atendimento, ou seja, o motivo manifesto é o sintoma que preocupa a quem solicita a consulta (OCAMPO, 1991).

Vários estudos apontam ser a clientela infantil representante de grande parte dos usuários dos serviços de saúde (BOARINI e BORGES, 1998, BERNARDES-DA-ROSA, GARCIA, DOMINGOS, SILVARES, 2000) e de clínicas-escola (AGUIRRE, HERZBERG, PINTO, BECKER, CARMO, SANTIAGO, 2000; SOUZA e SILVARES, 2002; LOUZADA, 2003; ROMARO e CAPITÃO, 2003).

Estudos para caracterizar o funcionamento das clínicas-escola e o levantamento de queixas se mostram relevantes para otimizar o planejamento de medidas mais efetivas e da eficiência dos serviços oferecidos, fundamentando práticas que atendam as necessidades da população, delineando ações mais produtivas. (YEHIA, 1996; SOUZA e SIL-

VARES, 2002; PERES, SANTOS e COELHO, 2003; CAMPEZATTO e NUNES, 2007; LÖHR e SILVARES, 2006).

O levantamento bibliográfico realizado por Silvares (1996) relativo à clientela de clínicas-escola e/ou serviços ambulatoriais de Psicologia no Brasil revisa 19 trabalhos publicados, de 1959 a 1996. A clientela infantil aparece como maioria em 14 dos artigos, ou seja, 73%, havendo uma prevalência dos meninos sobre as meninas, com idade escolar (sete a nove anos). Nesses 19 artigos analisados pela autora, o levantamento das queixas mostra alta incidência de distúrbios de aprendizagem e do tipo externalizante (fracasso escolar e comportamento explícito), sendo que, como se poderia esperar, a escola aparece como principal fonte de encaminhamento das crianças.

Levandowski (1998), em sua pesquisa bibliográfica sobre clientela de clínicas-escola e centros de saúde relativos aos anos de 1983 a 1998, encontrou 18 artigos: 17 se referem a instituições paulistas e um à cidade de Fortaleza. A autora evidenciou que a população infantil é aquela que com mais freqüente é trazida para atendimento psicológico, sobretudo escolares, dos seis aos 10 anos, predominantemente do sexo masculino. Assim, encaminhadas pela escola, crianças de seis a 10 anos, em especial meninos, com queixa principal de problemas de aprendizagem ou relacionadas ao contexto escolar, chegando à clínica-escola; tal encaminhamento é caracterizado por Levandowski (1998) como "problemas no período de alfabetização" (p.100). Ou seja, problemas que ficavam envolvendo somente o âmbito familiar, se tornam mais evidentes na escola.

Com os trabalhos de Silvares (1996) e Levandowski (1998) são apresentados dados dos artigos publicados entre 1959 e 1998. Esses textos são revisões extensas e importantes, analisando não somente dados de pesquisas de clínicas-escola, mas também de outros serviços de Psicologia.

O objetivo do presente trabalho é realizar uma nova revisão da bibliografia brasileira sobre a clientela infantil e suas queixas nas clínicas-escolas, serviços de saúde e de Psicologia no Brasil no período que compreende os anos de 1998 a 2006, posterior às revisões acima citadas.

METODOLOGIA

A revisão da literatura brasileira sobre o assunto aqui desenvolvido foi realizada em bases de dados (BVS, Bireme, Lilacs, Indexpsi, Scielo) e nos periódicos dos acervos da Biblioteca Central da PUCRS e na Biblioteca do Instituto de Psicologia da UFRGS, utilizando-se como descritores motivos de consulta, queixas e clínicas-escola, para os anos de 1998 a 2006. Foram encontrados 29 artigos; ao refinar a escolha com o descritor criança, excluindo-se, portanto, os trabalhos com adultos, adolescentes e universitários, bem como os artigos que não apresentavam dados empíricos - apenas seis são específicos de pesquisas com crianças sobre queixas ou motivos de consulta em atendimento em clínica-escola e serviços de saúde e de Psicologia, relativos ao período de tempo escolhido.

Considerando os seis artigos que apresentam dados empíricos sobre motivos de consulta ou queixas da clientela infantil, destacam-se os trabalhos citados na Tabela 1, aprofundados no decorrer deste artigo.

Tabela 1. Artigos de pesquisas sobre motivos de consulta em crianças no período de 1998 a 2006

Autores	Ano	Assunto
Bernardes-da-Rosa, Garcia, Domingos e Silvares	2000	Crianças, queixas, caracterização de serviço de Psicologia
Louzada	2003	Clínica-escola: caracterização da clientela
Romaro e Capitão	2003	Clínica-escola: clientela
Scortegagna e Levandowski	2004	Crianças, queixa escolar
Vanni e Maggi	2005	Clientela do serviço de Psicologia do SUS
Rocha e Ferreira	2006	Crianças, queixas, serviço de Psicologia

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para apresentar e discutir os artigos revisados, os mesmos são sintetizados, considerando, em especial, local onde a investigação foi realizada, fonte de informação, período de tempo referido para as informações, sexo, idade, fonte de encaminhamento e queixas sobre as crianças, assim como intervenções realizadas ou propostas para o atendimento dessa clientela.

Bernardes-da-Rosa et al. (2000) realizaram estudo com crianças encaminhadas ao Serviço de Psicologia de um hospital-geral do interior de São Paulo. O levantamento considerava o período de 1996 a 1997; foram examinados prontuários de 25 crianças com idade entre sete e 12 anos. Dessas, 15 (60%) eram do sexo masculino e 10 (40%) do sexo feminino. Elas foram encaminhadas, em primeiro lugar, por profissionais da saúde (56%). A escola aparece em segundo lugar, com 28% dos encaminhamentos. A queixa mais freqüente diz respeito a distúrbios específicos do desenvolvimento e habilidades escolares (88%), a seguir, surgem comportamentos explícitos (76%), tais como agressividade, agitação psicomotora, etc.

Como sugestão, Bernardes-da-Rosa et al. (2000) propõem estratégias de intervenções mais breves e focais, que podem ser delineadas levando em consideração o nível socioeconômico dos pais e da criança. Segundo os autores, isso garantiria maior benefício do tratamento e maior probabilidade de adesão por parte do paciente.

A pesquisa documental realizada por Louzada (2003), a partir do exame de fichas dos pacientes, teve por objetivo traçar um perfil da clientela do Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Espírito Santo durante o ano de 1996. Das variáveis estudadas, interessam a este artigo: sexo, idade, motivo da consulta (queixa) e forma de encaminhamento à instituição.

A autora encontrou uma população predominantemente jovem com um percentual de 79,8% entre zero e 29 anos, sendo que 51% encontravam-se na faixa de zero a 19 anos. Porém, não há referências no artigo sobre a relação entre sexo e faixa etária, como ocorre em outros artigos estudados.

No que diz respeito às queixas, tanto em adultos (12,2%) quanto na população infantil (14,4%), em primeiro lugar aparece "nervosismo" (p.454). E em segundo lugar as dificuldades de aprendizagem (13,3%) para crianças, e problemas familiares (11,1%) para adultos. Os encaminhamentos da clientela infantil demonstram que 11,1% são realizados por médicos, 10% procuram o serviço espontaneamente e 8,8% são feitos pela escola.

Louzada (2003) afirma que, especificamente, no que diz respeito às clínicas-escola, foi possível verificar na bibliografia existente que a maior parte das pesquisas produzidas em âmbito nacional articulam os perfis de clientela aos diversos serviços oferecidos pelas instituições, com importantes questionamentos sobre a adequação das práticas existentes e a criação de estratégias de intervenção clínica mais apropriadas.

O estudo de Romaro e Capitão (2003), que objetivou caracterizar a clientela da clínica-escola da Universidade de São Francisco - Campus de São Paulo, entre 1995 e 2000, constatou: dos 590 pacientes, 42% encontravam-se na faixa compreendida entre zero e 14 anos; desses, 65,3% eram do sexo masculino e 34,7% do sexo feminino, o que inverteu a partir dos 15 anos. A maior incidência de pacientes em idade entre zero e 14 anos, foi dos cinco aos nove anos (53,3%) faixa etária está relacionada ao momento de ingresso na escola e exigências da alfabetização. Porém, neste trabalho não consta a variável *encaminhamento*.

A classificação das queixas aconteceu no momento da triagem que em sua maioria de caráter múltiplo, com uma média de 4,95 queixas para cada criança. As queixas mais frequentes foram: dificuldades escolares (19%), problemas no relacionamento interpessoal (12,4%), comportamento agressivo (10,6%), dificuldades nas relações familiares (10,3%), e distúrbios relacionados ao sono, alimentação e esfíncteres (9,5%).

Os autores afirmam que esses estudos de caracterização da clientela podem auxiliar no planejamento de outras modalidades de atendimentos que tanto respondam à demanda da população quanto enriqueçam a formação do aluno. E também a importância de outras modalidades de atendimentos com crianças e pais, bem como para a adolescência e a terceira idade.

A pesquisa de Scortegagna e Levandowski (2004) foi realizada no

município de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. A pesquisa documental foi realizada com os prontuários da Secretaria Municipal de Educação no período de 2002 a 2003. A análise referia-se aos encaminhamentos de crianças com problemas escolares ao Programa de Atendimento Psicológico, denominado VinculAÇÃO.

Os dados da pesquisa apontam 111 crianças encaminhadas, de segunda a oitava série do ensino fundamental. O maior número de encaminhamentos foi de crianças da segunda série (40,5%), do sexo masculino (28,8%), compreendidas na faixa etária de sete a 13 anos. As queixas foram categorizadas em: problemas de aprendizagem (36%), problemas de comportamento (31%), problemas emocionais (29%) e outros problemas relacionados a questões escolares (15%).

A partir do estudo, Scortegagna e Levandowski (2004) salientam a necessidade de um trabalho de intervenção do psicólogo junto às escolas, para esclarecimentos e reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem, especialmente do papel do professor e da escola.

O trabalho de Vanni e Maggi (2005) apresenta dados sobre a clientela da clínica psicológica atendida na rede pública de Saúde (SUS) de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. As pesquisadoras analisaram 80 prontuários, sendo 20 de cada local, totalizando quatro locais diferentes de atendimentos, no período compreendido entre 2002 e 2004.

As fichas foram escolhidas aleatoriamente, com o objetivo de identificar idade, sexo, filiação, local de residência, nível de escolaridade, ocupação, agente encaminhador, motivo de atendimento, indicação terapêutica, testagens e número de atendimentos. Os resultados apontam em três dos quatro locais, uma expressiva população do sexo masculino, com idade escolar compreendida na faixa de seis a 11 anos (60%). Em apenas um dos locais, onde a clientela é formada basicamente de adultos, aparecem 45% de seus atendimentos entre 12 e 17 anos. A escola aparece como principal fonte dos encaminhamentos (46,9%) e os motivos de consulta demonstram agressividade (34,3%) em primeiro lugar e dificuldades escolares em segundo (26,6%). A queixa de dificuldade escolar não aparece em um dos locais, devido ao fato da clientela ser composta basicamente de adultos, porém a queixa de agressividade aparece em primeiro lugar e foi somada com os demais locais e computada a média referente à

queixa principal.

Vanni e Maggi (2005) refletem sobre a importância de se adequar o serviço oferecido à demanda. Também sugerem outras formas de atendimento como trabalhos preventivos nas escolas, atendimentos familiares, extensão do trabalho para o público adulto e a inserção de um maior número de profissionais na área da saúde.

Rocha e Ferreira (2006) realizaram um estudo descritivo das queixas apresentadas pelo grupo etário infanto-juvenil atendido no serviço de Psicologia Pediátrica de um hospital universitário da cidade de Belém do Pará, no período de janeiro de 2002 a junho de 2003. A amostra foi composta de 55 crianças (um a 12 anos) e sete adolescentes (13 a 16 anos), sendo que os sujeitos eram 42 do sexo masculino e 20 do sexo feminino.

Os dados mostram que dos 62 participantes, 57 estavam em idade escolar, considerada pelos pesquisadores a partir dos três anos, sendo que 69,3% encontravam-se na faixa compreendida entre três e 11 anos. Destes, 51,6% eram meninos. Os encaminhamentos demonstram 58% classificados como procedência interna, ou seja, diferentes especialidades médicas, profissionais e programas de sala de espera e de pesquisas que estavam sendo conduzidas no próprio hospital. A demanda espontânea foi de 26%, e os encaminhamentos externos ao hospital representaram 16% da amostra.

As queixas foram agrupadas em nove categorias, sendo citado como problema mais freqüente as dificuldades em habilidades sociais, com 48 casos. Segundo Rocha e Ferreira (2006), isso envolve os comportamentos opostos, tais como: impulsividade, agressividade, rebeldia, desobediência, mentiras, irritação, tiques, isolamento, nervosismo, entre outros. As autoras apontam uma necessidade de sistematização do serviço, em função da grande variedade de queixas, a fim de que se aumente a qualidade do serviço oferecido aos usuários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos artigos, verificou-se que os seis deles são pesquisas que trabalharam com materiais de arquivos, ou seja, fichas e

prontuários. Esses trabalhos são importantes para dar *feedback* às instituições, como uma forma de avaliação do que vem sendo realizado pelas mesmas; e também mantê-las com seus registros atualizados.

Louzada (2003), por sua vez, chama a atenção para o fato de os registros individuais dos pacientes necessitarem de aperfeiçoamento, pois algumas pesquisas são inviabilizadas por "absoluta falta de dados" (p. 457). De acordo com Vargas (2002), manter os registros dos clientes atualizados facilita a realização de pesquisas, as quais darão retorno da atividade clínica não só à instituição, mas também aos próprios terapeutas e seus supervisores. Além disso, Goldim (1998) enfatiza a atenção indispensável e o cuidado em registrar a história do paciente na instituição por vários motivos, dentre eles o fato de que não manter os registros possa vir a ser considerado negligência, "falta de observação dos deveres profissionais" (p. 124), um dos três erros profissionais (imperícia, imprudência e negligência).

Verificou-se uma diferenciação no registro do motivo da consulta. Louzada (2003) traz a fala do consultante tal qual seu relato, com a palavra "nervosismo" para especificar o motivo da consulta. Já Bernardes-da-Rosa e cols. (2000), Romaro e Capitão (2003), Scortegagna e Levandowski (2004), Vanni e Maggi (2005) e Rocha e Ferreira (2006) trazem a fala do consultante ou seu responsável, categorizada de forma mais técnica.

Essa variedade no registro da queixa mostra que a maioria dos trabalhos usa expressões técnicas que traduzem sintomas para categorizar os motivos de consulta. Vê-se que não há uso de categorias ou hipóteses diagnósticas conforme os manuais de classificação, como CID e DSM. Compreende-se que uma criança, nesta faixa etária mais presente nos estudos (6 a 11), seja difícil de classificar por estes instrumentos diagnósticos, especialmente se não há avaliação psicológica. Entretanto, a variedade de expressões dificulta a comparação entre estudos.

Tem sido recorrente a alta incidência de meninos em relação às meninas em inúmeros estudos. Capellini, Tonelotto e Ciasca (2004) citam autores (RAPIN, 1988; SHAYWITZ et al., 1997; SELIKOWITZ, 2001 e NOPOLA-HEMIMI et al., 2002) que apontam as dificuldades para

aprender como elementos mais constantes no sexo masculino que no feminino, com a incidência de três para um.

Uma das situações a ser considerada com relação ao alto índice de meninos pode estar relacionada a questões culturais e à adaptação ao contexto escolar, período de início da escolarização, a criança precisa ampliar seu ambiente social e de interação com os outros (ROCHA e FERREIRA, 2006).

Silvares (1996) constatou, em seu artigo de revisão, alta incidência de distúrbios de aprendizagem e comportamentos explícitos como principal queixa nas crianças em idade escolar. Em 12 dos 19 artigos pesquisados, predominam a clientela infantil, sendo que em oito a queixa principal se refere a problemas cognitivos e questões escolares, e em quatro o principal motivo são os problemas de comportamento.

Assim também Levandowski (1998) afirma em sua revisão que a maioria das crianças apresenta problemas de aprendizagem ou relacionados ao contexto escolar como principal motivo de consulta. De 10 artigos referentes às crianças, a queixa de dificuldades escolares apareceu em primeiro lugar em seis deles.

Há, porém uma pequena alteração com o passar dos anos: dos seis artigos analisados neste trabalho, as queixas relacionadas às questões cognitivas aparecem em primeiro lugar em três das análises (BERNARDES-DA-ROSA et al., 2000; ROMARO e CAPITÃO, 2003; SCORTEGAGNA e LEVANDOWSKI, 2004), sendo que nas três restantes (LOUZADA, 2003; VANNI e MAGGI, 2005 e ROCHA e FERREIRA, 2006) estão em primeiro lugar as razões referentes a problemas de comportamento.

Percebe-se que, de modo geral, dificuldades cognitivas e problemas de comportamento caminham lado a lado. Isso pode estar denunciando falta de disciplina e limites nas crianças da atualidade. Porém, é necessário que mais pesquisas, enfocando essa questão sejam realizadas, para verificar a correlação entre problemas comportamentais e problemas cognitivos.

Com relação aos comentários e às recomendações realizados pelos autores dos seis artigos revisados, Scortegagna e Levandowski (2004)

sugerem intervenções nas escolas; Rocha e Ferreira (2006) apontam a necessidade de sistematização dos serviços de psicologia. Os demais fazem menção sobre a necessidade de adequação do serviço prestado às constatações da clientela.

A respeito da adequação dos serviços, no artigo intitulado "Psicólogos Clínicos, Profissionais Versáteis...", Remy e Nunes (2005) comentam que, atualmente, o currículo dos cursos de Psicologia mostra-se mais preocupado com o ensino de modelos e técnicas do que com o desenvolvimento de ações profissionais socialmente significativas.

Sobre as intervenções nas escolas, conforme Freller, Souza, Angelucci, Bonadio, Dias, Lins, Macedo (2001), o atendimento psicológico tradicional focaliza relações familiares e mecanismos intrapsíquicos do sujeito, não levando em consideração processos e práticas escolares que, segundo os autores, "participam da produção e manutenção das dificuldades apresentadas pela criança na escola" (p.130).

Enfim, constata-se a pouca publicação de pesquisas sobre levantamento e caracterização dos atendimentos oferecidos à clientela infantil no período de 1998 a 2006. Como foi verificado no início, estes estudos ajudam no planejamento de medidas efetivas de funcionamento dos serviços de psicologia e das clínicas-escola, pois requer preocupação com o que demanda a clientela. Por isso a necessidade de se realizarem mais pesquisas sobre funcionamento e caracterização das clientelas das clínicas-escola de cursos de Psicologia e serviços de saúde, a fim de se pensar em estratégias mais eficientes tanto para os alunos-estagiários e profissionais, quanto para a população que busca atendimento.

ABSTRACT: *The objective of this study is to review Brazilian articles published between 1998 and 2006, regarding reasons for seeking psychotherapy for children in training services of clinical psychology in Psychology Schools and Psychology Services. Electronic databases and the scientific journals at PUCRS and UFRGS libraries were researched. Twenty nine papers describing reasons for seeking psychotherapy for children have been found. When refining the search with the child as key-word, six papers were analyzed. Variation in the register of reasons for seeking psychotherapy was found; of these six*

analyzed papers, complaints related to the cognitive questions appear in first place in three of the papers, and in the others three complains about behavior problems are in first place. With regard to the commentaries and to the recommendations, the authors suggest interventions in the schools, they also point out the need for services systematization and adequacy of interventions to the conditions of the patients. It was evidenced the scarcity of research publication regarding the theme of interest.

Keywords: *Reasons for seeking psychotherapy. Training services of clinical psychology. Children.*

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, A. M. B., HERZBERG, E., PINTO, E. B., BECKER, E., CARMO, H. M. S., SANTIAGO, M. D. E. A Formação da atitude clínica no estagiário de Psicologia. **Psicologia USP**, v.11, n.1, p.49-62, 2000.

ARZENO, M. E. G. **Psicodiagnóstico clínico: novas contribuições**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BERNARDES-DA-ROSA, L.T., GARCIA, R.M., DOMINGOS, N.M., SILVARES, E.F.M. Caracterização do atendimento Psicológico prestado por um serviço de Psicologia a crianças com dificuldades escolares. **Estudos de Psicologia** -PUC-Campinas, v.17, n.3, p.5-14, 2000.

BOARINI, M. L. e BORGES, R. F. Demanda infantil por serviços de saúde mental: sinal de crise. **Estudos de Psicologia**, v.3, n.1, p.83-108, 1998.

CAMPEZATTO, P. V. M. e NUNES, M. L. T. Clínica-escola de Psicologia: revisão da literatura brasileira. **Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia**. No prelo, 2007.

CAPELLINI, S. A., TONELOTTO, J. M. F., CIASCA, S. M. Medidas de desempenho escolar: avaliação formal e opinião de professores. **Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v.21, n.2, p.79-90, 2004.

ENÉAS, M. L. E. e FALEIROS, J. C. Foco em psicoterapia breve: Caracterização inicial de processos em clínica-escola. **Anais do I Congresso de Psicologia Clínica.**/ coordenação geral de P.F. Castro – São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackensi, p.202-206, 2001.

FRELLER, C.C.; SOUZA, B. P.; ANGELUCCI, C.B.; BONADIO, A.N.; DIAS, A.C.; LINS, F.R.S.; MACÊDO, T.E.C.R. Orientação à queixa escolar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.6, n.2, p.129-134, 2001.

GOLDIM, J.R. Psicoterapias e Bioética. Em: Cordioli, A.V. (Org.) **Psicoterapias: Abordagens atuais.** (p.119-133). Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LEVANDOWSKI, D. C. Caracterização da população atendida por clínicas-escola: breve revisão da literatura nacional. **Torre de Babel**, Londrina, v.5, n.1/2, p.87-110, 1998.

LÖHR, S.S. e SILVARES, E.F.M. Clínica-escola: Integração da formação acadêmica com as necessidades da comunidade. Em: Silvares, E.F.M. (org.). **Atendimento psicológico em Clínicas-escola.** Alínea: Campinas, 2006.

LOUZADA, R. C. R. Caracterização da clientela atendida no Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Espírito Santo. **Estudos Psicológicos**, Natal, v.8, n.3, p.451-457, 2003.

OCAMPO, M. L. S. **O Processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

PERES, R. S., SANTOS, M. A., COELHO, H. M. B. Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. **Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v.20, n.3, p.47-57, 2003.

REMY, L.S. e NUNES, M.L.T. Psicólogos Clínicos, Profissionais Versáteis... **Revista de Psicologia da UnC**, v.2, n.2, p.122-127, 2005.

ROCHA, A.C. e FERREIRA, E.A.P. Queixas identificadas em crianças e adolescentes atendidos pelo serviço de Psicologia Pediátrica de um Hospital Universitário. **Rev. Bras. Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.16, n.1, p.32-48, 2006.

ROMARO, R. A. e CAPITÃO, C. G. Caracterização da clientela da clínica-escola de Psicologia da Universidade de São Francisco. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.5, n.1, p.111-121, 2003.

SCORTEGAGNA, P. e LEVANDOWSKI, D.C. Análise dos encaminhamentos de crianças com queixa escolar da rede municipal de ensino de Caxias do Sul. **Interações**, v.IX, n.18, p.127-152, 2004.

SILVARES, E. F. M. É satisfatório o atendimento psicológico nas clínicas-escola brasileiras? In: Carvalho, R.M.L.L. (org) Repensando a formação do Psicólogo: da informação à descoberta. **Coletâneas da ANPEPP**, Campinas: Alínea, v.1, n.9, p.137-145, 1996.

SILVARES, E. F. M. Invertendo o caminho tradicional do atendimento psicológico numa clínica-escola brasileira. **Estudos de Psicologia**, v.5, n.1, p.149-180, 2000.

SOUZA, C. L. e SILVARES, E. F. M. A invisibilidade da Menopausa e o Perfil das Queixas de Mulheres Inscritas na Clínica-Escola do Instituto de Psicologia da USP. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.54, n.1, p.63-77, 2002.

VANNI, M.G. e MAGGI, A. O que demanda à Psicologia na Rede Pública de Saúde em Caxias do Sul? **Psico**, v.36, n.3, p.299-309, 2005.

VARGAS, Fabíola. Abandono de Psicoterapia em Instituição de Formação de Psicoterapeutas. **Dissertação de Mestrado não publicada**, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002.

Yehia, G. Y. Clínica-escola: atendimento ao estagiário ou atendimento ao cliente?. In: Carvalho, R. M. L. L. (org.) Repensando a formação do psicólogo: Da informação à descoberta. **Coletâneas da ANPEPP**, Campinas: Alínea, v.1, n.9, p.109- 118, 1996.